

**VOZES DA
VIDA RELIGIOSA FEMININA
EXPERIÊNCIAS, TEXTUALIDADES
E SILÊNCIOS (SÉCULOS XV-XXI)**

ESCRITA CONVENTUAL FEMININA:
UM “ARQUIPÉLAGO SUBMERSO”.
APENAS ALGUMAS NOTAS*

ZULMIRA C. SANTOS**

A escrita conventual feminina tem merecido, nos últimos anos, sobretudo na bibliografia italiana, mas também portuguesa, espanhola, francesa e americana, não esquecendo as múltiplas contribuições do Brasil e dos países da América Latina, um destaque e uma atenção que obras, recentemente publicadas, de muitos modos espelham¹. O tema que estrutura este encontro, “Vozes e silêncios femininos na Vida Religiosa”, evoca uma feliz designação, de larga fortuna – embora nem sempre claramente referenciada –, usada, em 2005, por Elizabeta Graziosi², para qualificar a escrita feminina em âmbito monástico. Ainda que a autora pretenda inscrever a sua reflexão no quadro específico da poesia, chamando a atenção para o estatuto de menoridades deste tipo de produção, no contexto dos estudos históricos e literários, que o contemplam como “un

* Estas notas foram redigidas no contexto do comentário à conferência de Maria Antónia Conde “Expressões de religiosidade e misticismo no jardim fresco e ameno de S. Bento de Cástris”.

** CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»; CEHR - Centro de Estudos de História Religiosa.

¹ Nieves Baranda Leturio; M^a Carmen Marín Pina (eds) – *Letras en la celda. Cultura escrita de los conventos femeninos en la España moderna*. Madrid: Ibero-Americana, Vervuert, 2014.

² Elizabeta Graziosi – *Arquipelago sommerso. Le rime delle monache tra obbedienza e transgressione*. In *I Monasteri femminili come centri di cultura fra Rinascimento e Barocco*. A cura di Gianna Pomata e Gabriella Zarri. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2005, p. 146-173.

ente separado y extraño”³, ou uma “scrittura estranea alla Repubblica”⁴, as considerações explanadas, frisando a importância dos mosteiros femininos como centros de produção, difusão e conservação de cultura, salientam as dificuldades que envolvem a investigação sobre os textos produzidos por mulheres em ambiente conventual⁵, caracterizando este tipo de escrita como um “arquipélago submerso”, no sentido em que tal “território” se conhece apenas parcialmente, encontrando-se em grande parte “escondido”, sobretudo em termos de produção manuscrita, em diferentes arquivos e bibliotecas⁶.

³ Para usar a expressão de Nieves Baranda Leturio e M^a Carmen Marín Pina – El universo de la escritura conventual femenina: deslindes y perspectivas. In Nieves Baranda Leturio; M^a Carmen Marín Pina (eds) – *Letras en la celda...*, p. 35. V. também Nieves Baranda Leturio – *Cortejo a Lo Prohibido: Lectoras y escritoras en la España Moderna*. Madrid: Arco Libros, 2005.

⁴ Elizabeta Graziosi – Arcipelago sommerso..., p. 148.

⁵ Em Portugal e no Brasil os estudos sobre a escrita conventual feminina, na Época Moderna – e também sobre leituras de freiras e monjas –, têm vindo a crescer nos últimos anos. Na impossibilidade de inventariar uma ampla bibliografia, apenas algumas referências: José Adriano de Freitas Carvalho – Do recomendado ao lido. Direção espiritual e prática de leitura entre franciscanas e clarissas em Portugal no século XVII. *Via Spiritus*. 3 (1996) 7-56; IDEM – *Lectura Espiritual en la Península Ibérica (Siglos XVI-XVII)*. Salamanca: SEMYR-CIUHE, 2007; Maria de Lurdes Correia Fernandes – *Espelhos, Cartas e Guias. Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica. 1450-1700*. Porto: Instituto de Cultura Portuguesa. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1995; IDEM – A construção da santidade nos finais do século XVI: o caso de Isabel de Miranda, tecedeira, viúva e santa (c. 1539-1610). In *Actas do Colóquio Internacional Piedade Popular: sociabilidades, representações, espiritualidades*. Org. José Mattoso, et al. Lisboa: Centro de História da Cultura, 1999, p. 243-272; Pedro Vilas Boas Tavares – *Beatas, Inquisidores e Teólogos. Reação portuguesa a Miguel de Molinos*. Porto: CIUHE, 2002. Veja-se também de José Pedro Paiva – Missões, directores de consciência, exercícios espirituais e simulações de santidade: o caso de Arcângela do Sacramento (1697-1701). In Maria Helena da Cruz Coelho (coord.) – *A cidade e o campo. Colectânea de Estudos*. Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura, 2000, p. 243-265. Para a poesia portuguesa escrita em âmbito conventual, v. Isabel Morujão – *Por trás da grade - poesia conventual feminina em Portugal (séculos XVI-XVIII)*. Lisboa: INCM, 2013; IDEM – Entre a voz e o silêncio: literatura e espiritualidade nos mosteiros femininos. *Rever* 11:1 (Jan.-Jun. 2011) 35-54; Vanda Anastácio (org.) – *Uma Antologia Improvável. A Escrita das Mulheres (Séculos XVI a XVIII)*. Lisboa: Relógio d'Água, 2013; Maria Antónia Conde – Modelos em vida, paradigmas na morte: a construção da perfeita religiosa em Portugal. In *Sociabilidades na vida e na morte (séculos XVI-XX)*. Coord. Maria Marta Lobo de Araújo, Alexandra Esteves, Ricardo Silva e José Abílio Braga Coelho. Braga: CITCEM, 2014, p. 455-468. Para “vidas” e autobiografias, a dissertação de doutoramento de Paula Mendes de Almeida – “*Porque aqui se vem retratados os passos por onde se caminha para o Ceo*”: a escrita e a edição de “Vidas” de santos e de “Vidas” devotas em Portugal (séc. XVI-XVIII). Porto: Faculdade de Letras, 2013. Para a escrita “memorialística”, também a recente dissertação de Moreno Laborda Pacheco – “A magoa de ver hir esquecendo...”. *Escrita conventual feminina no Portugal do século XVII*. Tese de doutoramento. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2013. V. ainda Leila Mezan Algranti – *Livros de devoção, atos de censura: ensaios de história do livro e da leitura na América Portuguesa (1750-1821)*. São Paulo: Hucitec - Fapesp, 2004; Lígia Bellini – “Penas, e glorias, pesar, e prazer”: espiritualidade e vida monástica feminina em Portugal no Antigo Regime. In *Formas de crer. Ensaio de história religiosa do mundo lusoafr-brasileiro, séculos XIV-XXI*. Org. Lígia Bellini, Evergton Sales Souza, Gabriela dos Reis Sampaio. Salvador: Edufba-Corrupio, 2006, p. 81-105.

⁶ Elizabeta Graziosi – Arcipelago sommerso..., p. 146-173. Elissa Weaver – Le muse in convento. La scrittura profana delle monache italiane (1450-1650). In *Donne e fede. Santità e vita religiosa in Italia*. Ed. Lucetta Scaraffia e Gabriella Zarri. Roma: Laterza, 2009, p. 252-276.

O complexo de problemas suscitado, se bem que em sede de “poesia”, pode, sem violência, adequar-se à prosa ou à escrita conventual feminina em geral, no sentido em que se realçam características comuns, que emolduram as questões tratadas ao longo deste encontro científico: circulação maioritariamente manuscrita, textos frequentemente anónimos, edições limitadas, operações editoriais normalmente executadas depois da morte da autora e quase sempre com objetivos bem definidos, que podem passar pela edificação ou imitação devota, destinada a promover o prestígio do convento ou da ordem, ou, então, quase sempre, pelo funcionamento em contexto de causas de beatificação ou santificação, ou ainda por escritos de fundação visando objetivos de memória identitária. Se a este quadro interpretativo juntarmos a constatação, plena de implicações, de que, como afirmam Nieves Baranda e M.^a Carmen Marín Pina, “La escritora típica de la Edad Moderna española fue una monja”⁷, juízo que, formulado para Espanha e para a América espanhola, facilmente se presume poder estender-se a Portugal e Itália, concordaremos com Sofia Boesch Gajano que, ao revisitar percursos no âmbito da história comparada das religiões, discutindo paradigmas interpretativos, sublinhou como os textos pertencentes ao domínio da história religiosa, seja ela antiga, medieval ou moderna, conservam uma memória excecional de experiências religiosas femininas, impossível de encontrar em outro tipo de fontes, na medida em que estes “escritos”, das biografias às autobiografias ou memórias⁸, redigidas ou não por “mandado” de confesores ou diretores espirituais⁹, aos escritos de “fundação” ou às crónicas em geral¹⁰, abrem novos horizontes, não apenas no que se tem tradicionalmente designado como “história das mulheres”, mas também no estudo das dimensões institucionais da religião¹¹.

⁷ Nieves Baranda Leturio e M.^a Carmen Marín Pina – El universo de la escritura conventual femenina..., p. 11.

⁸ Isabelle Poutrin – *Le voile et la plume: autobiographie et sainteté féminine dans l’Espagne Moderne*. Madrid: Casa de Velázquez, 1995.

⁹ Entre um conjunto amplo de bibliografia sobre o tema: Antonio Castillo Gómez – La pluma de Dios. María de Ágreda y la escritura autorizada. *Via Spiritus*. 6 (1999) 103-119.

¹⁰ Silvia Evangelisti – Memoria di antiche madri. I generi della storiografia monastica femminile in Italia (secc. XV-XVIII). In *La voz del silencio I. Fuentes directas para la historia de las mujeres*. Ed. Cristina Seguro Graiño. Madrid: Asociación Cultural Al-Mudayya, 1992, p. 221-249; K. J. P. Lowe – *Nun’s Chronicles and Convent Culture in Renaissance and Counter-Reformation Italy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003; Charlotte Woodford – *Nuns as historians in early modern Germany*. Oxford: Clarendon Press, 2002.

¹¹ Sofia Boesch Gajano; Enzo Pace – Introduzione. In Sofia Boesch Gajano; Enzo Pace (eds.) – *Donne tra saperi e poteri nella storia delle religioni*. Brescia: Morcelliana, 2007, p. 7-21: “Le donne possono essere soggetto o oggetto delle scritture – autobiografie, biografie e altre memorie in genere scritte dai confessori, ma non prive di tracce autobiografiche –, ma in un caso come nell’altro si aprono nuovi orizzonti per la storia delle donne e per i rapporti fra uomini e donne, nella dialettica fra sfera individuale/spontanea e sfera comunitaria normativa, fra dimensione interiore e dimensione istituzionale della religione”. A frase

Do ponto de vista do enorme contributo que a escrita conventual feminina representa para a “História das Mulheres”¹² – por mais que esta continue, ainda, a depender da definição de uma base epistemológica consistente –, ou para o estudo das modalidades de circulação do escrito na Época Moderna, no sentido em que este tipo de obras, manuscrito ou impresso, percorre, normalmente, caminhos diversos dos textos de autoria masculina¹³, haverá que ter em conta que esta produção depende, entre muitos outros aspetos, dos resultados de uma investigação que se tem vindo a processar em áreas diversas e que, para além do estudo da vida monástica como possibilidade de aprofundamento cultural ou centro de complexas relações sociais, do enquadramento de diferentes modelos de santidade femininos relacionados com estratégias “familiares”, visando processos de beatificação ou canonização, não pode ignorar perfis biográficos de relevo nem marginalizar os diferentes papéis sociais desempenhados pelas mulheres¹⁴. Gabriella Zarri, no recente artigo “La scrittura monastica”, inserido na estimulante e recente obra *Letras en la Celda. Cultura escrita de los conventos femeninos en La España moderna*¹⁵, enfatiza os problemas teóricos e práticos dos sentidos múltiplos de “escrita” e da definição precisa de “universo conventual”, reforçando a convergência entre escrita feminina e escrita monástica, na Época Moderna, uma espécie de “binomio inscidibile”¹⁶, tão indissolúvel como parece ser, também, a natureza do nexos entre motivações religiosas e económico-sociais

citada encontra-se na página 5. V. ainda Gabriella Zarri – *La memoria di Lei. Storia delle donne, storia di genere*. Torino: SEI, 1996.

¹² O longo caminho percorrido neste campo de estudos tem vindo a estimular a “reconstrução” do debate teórico em torno da história das mulheres como disciplina científica. Consagrado por uma ampla bibliografia, o tema encontra duas sínteses fundamentais e inspiradoras nas páginas de Gabriella Zarri – *Le donne come oggetto e soggetto di storia* (p. 3-70), inseridas na obra *La memoria di lei. Storia delle donne, storia di genere*. Torino: SEI, 1996, e de Sofia Boesch Gajano – *Saperi e poteri religioso. Complementarità e conflitti fra uomini e donne*. In Sofia Boesch Gajano; Enzo Pace (eds.) – *Donne tra saperi e poteri...*, p. 7-24.

¹³ Fernando Bouza Álvarez – *Cultura escrita e história do livro: a circulação manuscrita nos séculos XVI e XVII*. *Leituras: Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa*, S. 3. 9-10 (2001-2002) 63-95, p. 68; IDEM – *Corre manuscrito: una historia cultural del Siglo de Oro*. Madrid: Marcial Pons, 2002; Diogo Ramada Curto – *A história do livro em Portugal: uma agenda em aberto*. *Leituras: Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa*. S. 3. 9-10 (2001-2002) 13-61, p. 30-31; Ana Isabel Buescu – *A persistência da cultura manuscrita em Portugal nos séculos XVI e XVII*. *Ler História*. 45 (2003) 19-48, p. 19. Harold Love – *The Culture and Commerce of Texts. Scribal Publication in Seventeenth-Century England*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1998.

¹⁴ Marina Caffiero – *Per una storia delle scritture delle donne*. In Marina Caffiero a Manola Ida Venzo (a cura di) – *Scritture di donne. La memoria restituita*. Atti del Convegno. Roma, 23-24 marzo 2004. Roma: Viella, 2007, p. 9-27, p. 17.

¹⁵ Gabriella Zarri – *La scrittura monastica*. In Nieves Baranda Leturio; M^a Carmen Marín Pina (eds) – *Letras en la celda...*, p. 49-64.

¹⁶ Gabriella Zarri – *La scrittura monastica...*: “Nell’età rinascimentale e nella prima età moderna scrittura femminile e scrittura monastica possono considerarsi un binómio inscidibile, come inscidibile è il nesso tra motivazioni religiose e motivazioni economico-sociali e culturali che determinano l’ingresso di tante giovani donne in monastero” (p. 50).

e culturais, que determinaram o ingresso de tantas jovens mulheres em conventos e mosteiros.

Alargando o campo de análise, a mesma autora tinha convocado, anos atrás, no início do artigo “Alle soglie della modernità. Santità femminile e religione maschile”¹⁷, o estimulante debate, desenvolvido tanto por sectores católicos como por protestantes – provavelmente de novo na “ordem do dia” nos programas de evocação da(s) Reforma(s) – perguntando se, para as mulheres, a religião tinha constituído motivo de repressão ou emancipação¹⁸. Recorda, neste contexto, palavras de Nathalie Zemon Davis, que, ao analisar a adesão das mulheres de Lyon ao calvinismo, afirmava que estas tinham adquirido mais dignidade, na medida em que podiam ler a Bíblia em conjunto com os maridos, gozando da mesma liberdade de consciência e interpretação, mas haviam perdido em “autodeterminação”, no sentido em que tinham sido privadas de instituições como conventos e colégios, que acabaram por constituir áreas específicas de gestão e exercício do “poder” feminino.

Todas estas coordenadas, que envolvem e condicionam os “espaços” de escrita por mulheres, abrem caminho para um conjunto de interrogações formuladas pela mais recente bibliografia e que podem configurar linhas de investigação a prosseguir, ou mesmo a iniciar, e aqui apenas iniciadas: valeria a pena continuar a indagar sobre o eventual carácter “espontâneo” da entrada em religião de muitas mulheres¹⁹; apesar dos avanços do conhecimento nessa área, sobretudo em termos institucionais, continuar a questionar o entendimento da clausura monástica como eventual espaço de liberdade²⁰; prosseguir o estudo dos

¹⁷ Gabriella Zarri – Alle soglie della modernità. Santità femminile e religione maschile. In *Donne in-fedeli. Temi, modelli, interpretazioni della religiosità femminile*. A cura di Anna Maria Calapaj Burlini e Saveria Chemotti. Padova: Il Poligrafo, 2005, p. 77-102; “Su un piano diverso, più propriamente sociologico, le storiche femministe avevano già da tempo dovuto confrontarsi con l’altrettanto equilibrata posizione di Nathalie Zemon Davis che, analizzando l’adesione delle donne di Lione al Calvinismo, affermava che esse avevano guadagnato in dignità, potendo leggere la Bibbia insieme al marito con pari libertà di coscienza e interpretazione, ma avevano perso in autodeterminazione, essendo private di quelle istituzioni monosessuali come i conventi o i collegi che costituivano un’area di autogestione femminile e un efficace bilanciamento della vita familiare” (a passagem citada encontra-se na p. 77).

¹⁸ Sara Cabibbo – Le religiose: pratiche, modelli, contraddizioni nelle aree della riforma cattolica. In *Donne Sante, Sante Donne: esperienza religiosa e storia di genere*. Torino: Rosenberg & Sellier, 1996, p. 175-188.

¹⁹ Anne Jacobson Schutte – *By Force and Fear: Taking and Breaking Monastic Vows in Early Modern Europe*. Ithaca: Cornell University Press, 2011 (Howard R. Marraro Prize, American Catholic Historical Association, 2012).

²⁰ Craig A. Monson – *Nuns Behaving Badly: Tales of Music, Magic, Art & Arson in the Convents of Italy*. Chicago: University of Chicago Press, 2010. Ver, como exemplo, ainda que em contexto de crítica à “laxidão”, as palavras de Ana Maria do Amor Divino em *Memórias Históricas do Real Convento de Jesus de Setúbal*: “Tal foi hua, que perguntada ca dentro pelo motivo da sua vinda; respondeu = Se não ha achar hum homem capaz = Tal foy outra, que a semelhante pergunta disse = Eu não gostava; mas a Mana N. (era huma freira, que presente estava) me dizia, que isto cá dentro era melhor do que se cuida lá fora, por que há mais liberdade que lá fora”. A. M. do Amor Divino, tomo I (ANTT, *Manuscritos da Livraria*, Liv. 846),

mecanismos de circulação manuscrita e impressa dos textos de autoria de freiras e monjas, investigar publicações de ocasião difundidas, provavelmente, em número escasso de cópias, em círculos restritos, tentar uma espécie de “taxonomia” das modalidades da escrita por “mandado”, dos mecanismos de censura interna e externa²¹, examinar as formas e atributos do exercício do poder dentro e fora de conventos e mosteiros, no sentido da ligação a estruturas exteriores, equacionar as possibilidades de aprendizagem e estratégias educativas relativas ao universo feminino.

É provável que a maioria destas questões não obtenha uma resposta unívoca, por razões que se prendem, simultaneamente, com razões objetivas, dada a extrema variedade de situações histórico-documentais, e subjetivas, em virtude das opções ideológicas de cada investigador, em terreno epistemologicamente espinhoso²². Porém, resgatar todas estas autoras e respetivas produções, mesmo quando produto de uma opção, voluntária ou não, pelo apagamento da autoria ou da escolha de pseudónimo, contribui, seguramente, para precisar e responder a algumas das questões enunciadas.

As dificuldades em encontrar textos nas diferentes bibliotecas e arquivos, públicos ou particulares, pode traduzir e dar a medida da marginalidade da escrita feminina, face àquela que vem definida pela tradição literária, pelo cânone ou pela “biblioteca” por excelência. Nesse sentido, haverá que continuar a interrogar e a problematizar a condição claustral, a “rigidez” da clausura monástica, o sistema de controlo e repressão, a “permeabilidade” do claustro, as ligações entre instituições monásticas e círculos de corte ou de sociabilidades cortesãs, as estratégias familiares de grupos aristocráticos, aceitando, praticamente como ponto de partida, que os mosteiros femininos tiveram um importante papel na promoção da instrução das mulheres, favorecendo o acesso à escrita, associando vida claustral feminina e acesso a educação letrada, conclusão repetida em vários estudos que procuram explicar o florescimento da literatura conventual moderna²³.

As abundantes investigações que têm sido levadas a cabo sobre este tipo de produção, ao longo das últimas décadas, quer da perspetiva dos estudos literários,

fol. 110. A referência pertence a Moreno Laborda Pacheco – “A magoa de ver hir esquecendo...”, p. 42; Vanda Anastácio – A virtude é um fantasma nestes sítios. In Ana Cristina da Costa Gomes e José Eduardo Franco (coord.) – *Dominicanos em Portugal. História, Cultura e Arte*. Lisboa: Aletheia, 2010, p. 124-141.

²¹ Xenia Von Tippelskirch – *Sotto controllo. Letture femminili in Italia nella prima età moderna*. Roma: Viella, 2011.

²² Gabriella Zarri – *La scrittura monastica...*

²³ Sara Cabibbo – Perspectives pour une histoire institutionnelle et culturelle des espaces religieux féminins dans l'Italie moderne. In Silvia Mostaccio (ed.) – *Genre et identités aux Pays-Bas méridionaux. L'éducation religieuse des femmes après le concile de Trente*. Louvain-la-Neuve: Academia Bruylant, 2010, p. 13-27; Gabriella Zarri – *Libri di spirito. Editoria religiosa e volgare nei secoli XV-XVII*. Torino: Rosenberg & Sellier, 2009.

quer do ângulo da história e dos estudos de género, têm vindo a sublinhar que a prática do que se tem designado como "escrita conventual" não deve desligar-se de outras práticas de carácter institucional e social, especialmente das de direção de consciência. Em todo o caso, os diferentes textos, de crónicas a escritos de "fundação", de biografias e autobiografias a obituários, necrológios, ofícios para festas de santos e orações, sermões, poesia e teatro, ou obras de naturezas tão diversas quanto os comentários a vidas de santos e notas sobre devoções, que organizam os temas reflexivos desenvolvidos por diferentes estudos²⁴, têm vindo a demonstrar que a "permeabilidade" do claustro se evidencia na escrita de cartas, de "história", de vidas, de poesia, sustentando a constatação de que a escrita conventual está muitas vezes ao serviço das estratégias de prestígio de cada uma das instituições, visando a exaltação do mosteiro ou do convento de pertença, para a qual, de muitos modos, embora não exclusivamente, concorriam instruções de noviças, vidas exemplares, relatos de milagres, textos para recreação das monjas...

Todavia, a questão fundamental permanece: será que as razões para escrever se esgotavam na contribuição para o prestígio e coesão da instituição religiosa a que pertenciam estas mulheres, no sentido da identidade do grupo ou da família monástica, ou ainda na "prosápia" familiar, ou talvez na vontade de promover o mosteiro ou convento como centro de difusão de cultura, atraindo a munificência pública e privada? Resolver estas questões pressupõe, como se disse, também a reflexão sobre práticas de carácter institucional e social, especialmente no caso da direção espiritual, e implica pensar a construção social da feminilidade, explorando tematicamente a ligação santidade/escrita, mas supõe também valorizar bibliotecas e inventários, avaliando redes de influência e de circulação de manuscritos e impressos, analisando processos de criação e receção relativamente diversificados, não ignorando que a produção e conservação de todos estes testemunhos escritos e a sua difusão impressa corresponderam, seguramente, ou aos interesses das ordens religiosas ou aos círculos a que todas estas autoras pertenciam.

À laia de conclusão destas brevíssimas notas de reflexão, recordemos palavras de Elizabeta Graziosi, no artigo inicialmente citado: todas estas questões são mais do que suficientes para fazer pensar que as monjas "nei chiuso dei loro conventi, si appropriarono di quell'arma potente che sottrae il linguaggio all'usura del quotidiano, transformandolo in un modo diverso di dire un'esperienza degna di memoria"²⁵.

²⁴ Gabriella Zarri e Nieves Baranda. "Presentazione - Presentación". In: G. Zarri e N. Baranda (a cura di) – *Memoria e comunità femminili. Spagna e Italia, secc.XV-XVII*. Firenze: University Press - Uned: Firenze, 2011, p. 1-11. Ver também o recente e já referido conjunto de estudos inserido em Nieves Baranda Leturio; M^a Carmen Marín Pina (eds) – *Letras en la celda...*

²⁵ Elizabeta Graziosi – *Arcipelago sommerso...*, p. 173.